Coreia do Norte enfrenta a comunidade internacional

Apesar da proibição da ONU, país retoma a atividade nuclear e provoca aumento da tensão com a Coreia do Sul

Cláudia Bredarioli
cbredarioli@brasileconomico.com.br

Uma nova fase do conflito entre as Coreias do Sul e do Norte — sob a possível intervenção dos Estados Unidos, de um lado, e talvez da China, de outro — foi estabelecida ontem com a decisão norte-coreana de reativar um reator nuclear que estava fora de operação desde 2007. Apesar das resoluções da ONU que proíbem qualquer programa atômico no país, o governo decidiu enfrentar a comunidade internacional.

"As armas nucleares da Coreia do Norte funcionam como um meio de barrar potenciais agressores e como um alicerce para a prosperidade", afirmou o líder do país, Kim Jong-un, em um discurso proferido no domingo e publicado na íntegra pela agência oficial KNCA ontem.

Com a decisão, ganha novos contornos a possibilidade real de escalada da violência na região, segundo especialistas, diante de uma iminente necessidade do governo norte-coreano de ganhar capacidade de dissuasão. "Ao mesmo tempo que quer mostrar força para o resto do mundo, o líder norte-coreano tem necessidade de consolidar seu poder internamente", avalia Heni Ozi Cukier, professor do curso de Relações Internacionais da ESPM. "O grande perigo seria, por exemplo, se em uma eventual guerra, a China entrasse na disputa, visto que os Estados Unidos já declararam que irão defender a Coreia do Sul em caso de qualquer ataque". Sozinha, a Coreia do Norte não tem poder militar suficiente para enfrentar os Estados Unidos. Para Heni, é perceptível que nenhuma das partes tem interesse em um conflito em escala global, mas, na situação atual, "qualquer disparo descuidado pode criar motivo para uma guerra".

Marcus Vinícius de Freitas, coordenador do curso de Relações Internacionais da Faap, acrescenta que a família que está no poder na Coreia do Norte há décadas utiliza uma retórica militar para obter benefícios e se manter no poder. "A única forma de resolver completamente essa situação seria uma mudança de poder na Coreia do Norte, mas isso não se desenha no momento".

Paz econômica

A possibilidade de paz ganha reforço sob a ótica econômica, visto que, no cenário atual, é interessante para a China manter a divisão das Coreias, contando com o apoio norte-coreano como um "colchão" para amortecer um possível avanço americano sobre seu território. "A China não quer lidar com uma Coreia fragilizada. Não teria como absorver os milhares de refugiados norte-coreanos que a procurariam. Nunca será de interesse chinês uma unificação", acrescenta Heni.

De certo modo, a força econômica que une as duas Coreias também atua a favor da paz, independentemente do posicionamento chinês. Na semana passada, a Coreia do Norte até ameaçou fechar o complexo industrial binacional que mantém com a Coreia do Sul na cidade norte-coreana de Kaesong. Mas, por ora, a ameaça está engavetada.

Kaesong foi escolhido para combinar a tecnologia e experiência da Coreia do Sul com a gestão a baixo custo da Coreia do Norte e é uma zona teoricamente desmilitarizada, mas fortemente armada e vigiada. ■ **Com agências**

Lee Jae-Won/Reuters

Militar vigia área do complexo industrial binacional de Kaesong

INTENSIFICAÇÃO DO CONFLITO

Ameaça de guerra se fortaleceu depois dos testes nucleares norte-coreanos realizados em fevereiro

- A Coreia do Norte ordenou a seu exército que fique a postos para o combate e determinou que as unidades de mísseis estratégicos estejam preparadas para possíveis disparos contra os Estados Unidos, assim como contra as ilhas do Havaí e Guam, no Pacífico
- O Pentágono reagiu afirmando que o governo americano leva a sério essas ameaças de Pyongyang
- Pyongyang já havia ameaçado na quinta-feira passada atacar as bases militares americanas no Japão e Guam, como resposta aos voos de treinamento dos caças americanos B-52 na Coreia do Sul
- A tensão na Península Coreana aumentou consideravelmente com as múltiplas ameaças do Norte de uma resposta armada às manobras conjuntas do Sul e dos Estados Unidos, além das sanções da ONU após o teste nuclear norte-coreano realizado em fevereiro
- Em março de 2010, 46 marinheiros sul-coreanos morreram em um ataque contra a corveta "Cheonan", atribuído por uma investigação internacional a Pyongyang, que nega
- A China afirmou "esperar que as partes atuem com moderação para atenuar a tensão"
- Apesar do lançamento com êxito de um foguete de longo alcance em dezembro - que a Coreia do Sul e seus aliados consideraram um teste de míssil balístico -, Pyongyang ainda precisa de muitos anos para desenvolver um verdadeiro míssil intercontinental que possa atingir o território dos Estados Unidos
- Havaí e Guam também estariam fora do alcance de seus mísseis de médio alcance, que, no entanto, seriam capazes de atacar as bases militares americanas na Coreia do Sul e Japão
- O líder norte-coreano Kim Jong-un realizou nas últimas semanas visitas de inspeção a unidades de forças que estão posicionadas perto da linha divisória com a Coreia do Sul
- A linha divisória de fato (a chamada Linha Limítrofe Norte) não é reconhecida por Pyongyang, sob a alegação de que foi unilateralmente determinada pelas forças da ONU depois da guerra da Coreia, entre 1950 e 1953

Fonte: AFP

Chefe da ONU pede diálogo pela paz

Albert Gea/Reuters

Ban diz que situação pode levar a caminho que 'ninguém deseja'

O sul-coreano Ban Ki-moon declarou que Coreia do Norte já "foi longe demais"

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, disse ontem que a crise envolvendo a Coreia do Norte foi longe demais, e que a solução depende do diálogo. "Ameaças nucleares não são um jogo. A retórica agressiva e o exibicionismo militar só resultam em contrações, e alimentam medo e instabilidade", disse o sul-coreano durante visita oficial a Andorra.

Nos últimos dias, o regime comunista norte-coreano ameaçou travar uma guerra contra a Coreia do Sul e usar armas nucleares contra o território dos EUA, mas ontem o jovem líder Kim Jong-um pareceu abrandar essa retórica, ao insistir no caráter dissuasivo do seu arsenal nuclear.

"As coisas devem se acalmar, já que essa situação, agravada pela falta de comunicação, pode levar a um caminho que ninguém desejaria seguir", disse Ban, oferecendo ajuda às partes para iniciar um diálogo.

"Estou convencido de que ninguém pretende atacar (a Coreia do Norte) por causa de discordâncias a respeito do seu sistema político ou política externa. No entanto, temo que outros respondam firmemente a qualquer provocação militar direta", disse ele.

Ele também pediu às autoridades norte-coreanas que respeitem as resoluções do Conselho de Segurança da ONU. "Enquanto secretário-geral, meu dever é evitar a guerra e buscar a paz", declarou Ban, acrescentando que "também é de minha responsabilidade dizer que a crise atual foi muito longe".

Muitos observadores pensam que a Coreia do Norte realiza há vários anos atividades de enriquecimento de urânio em instalações secretas e que o terceiro teste nuclear foi realizado a partir de uma bomba de urânio. ■ **Reuters**

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 3 abr. 2013, Destaque, p. 4.